



MESTRADO PROFISIONAL

**PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

2019

**MANUAL PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE TIPOS PSICOLÓGICOS E
MÉTODOS PARA ENSINO**

**SANDRA MARIA BEZERRA DA
SILVA**

CEUBAN - Santos

SANDRA MARIA BEZERRA DA SILVA

IRENE DA SILVA COELHO

**MANUAL PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE
TIPOS PSICOLÓGICOS E MÉTODOS PARA ENSINO**

UNIMES

2019

Silva, Sandra Maria Bezerra da

Manual para professores da educação básica sobre tipos psicológicos e métodos para ensino

Silva/ Sandra Maria Bezerra da.- Santos, 2019.113 fls.
Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Metropolitana de Santos. Programa de Pós-Graduação em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Palavras-chave: 1. Tipos psicológicos. 2.Jung. 3.Ensino Fundamental. 4.ensino. 5.aprendizagem.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	79
1 CONHECENDO JUNG	81
2 JUNG: EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM	82
2.1 EDUCAÇÃO.....	82
2.2 APRENDIZAGEM.....	86
3 TIPOS PSICOLÓGICOS DE JUNG	88
3.1 ESTUDOS ORIGINADOS A PARTIR DOS TIPOS JUNGUIANOS.....	88
3.2 OS TIPOS PSICOLÓGICOS NA TEORIA JUNGUIANA.....	89
3.2.1 Atitude.....	92
3.2.1.1 Introversão.....	92
3.2.1.2 Extroversão.....	92
3.3 FUNÇÕES DA CONSCIÊNCIA.....	95
3.3.1 Funções Racionais: Pensamento e Sentimento.....	95
3.3.2 Funções Irracionais: Sensação e Intuição.....	96
4 MÉTODO DE ENSINO E AS METODOLOGIAS ATIVAS	100
4.1 METODOLOGIAS ATIVAS	102
4.1.1 Ensino sob medida (Just in time teaching).....	102
4.1.2 Instrução por pares ou colegas (Peer Instruction).....	102
4.1.3 Scale Up.....	103
4.1.4 Sala de aula invertida.....	104
4.1.5 Aprendizagem Baseada em Problemas.....	104
5 O TRABALHO PEDAGÓGICO E A TIPOLOGIA JUNGUIANA	105
5.1 TIPOLOGIA NA INFÂNCIA.....	105
5.2 TIPOLOGIA E APRENDIZAGEM.....	106
5.3 TIPOLOGIA DO PROFESSOR.....	106
CONSIDERAÇÕES	109
REFERÊNCIAS	110

APRESENTAÇÃO

Caro professor,

O presente **Manual para professores da educação básica sobre tipos psicológicos e métodos para ensino** é o produto da pesquisa realizada durante o curso do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos.

A pesquisa intitulada “As relações entre os tipos psicológicos de Jung e sua articulação com os processos de aprendizagem e ensino”, teve como objetivo conhecer a teoria junguiana concernente às questões de Educação e Ensino e realizar uma aproximação entre a teoria do psicólogo Carl Gustav Jung e a atual dinâmica de ensino e aprendizagem do Ensino Básico, estabelecendo relações entre os conceitos junguianos de educação, tipos psicológicos, aprendizagem e os métodos de ensino, com o intuito de ampliar o olhar e as possibilidades de ação do professor no Ensino Básico, a pesquisa investigou as dificuldades de um grupo de alunos do curso de Pedagogia ao mesmo tempo que os aproximou da teoria dos tipos psicológicos de Jung com o intuito de que o grupo reconhecesse, em sua própria dinâmica de aprendizagem, as características pessoais com as quais poderia contar que facilitassem seu processo de aprendizagem e percebessem a importância de conhecer os tipos psicológicos e sua relação com o processo de aprendizagem.

O esperado é que, por intermédio do autoconhecimento, o grupo compreendesse melhor como aprende e usasse o conhecimento adquirido como suporte para melhoria de sua aprendizagem e aperfeiçoasse sua ação pedagógica, reconhecendo a diversidade de seu aluno quanto à aprendizagem e, conseqüentemente, ampliassem as possibilidades de abordagem e acompanhamento da aprendizagem dos alunos que ficassem sob seus cuidados (as alunas já realizavam estágio na educação infantil e ensino fundamental).

O presente manual pretende colaborar com a capacitação de professores do Ensino Básico tanto em sua graduação quanto em sua formação continuada.

Buscando contribuir para a formação continuada do professor da educação básica, o manual pretende: a) oferecer subsídios para a compreensão da tipologia

junguiana; b) apresentar um repertório de metodologias, que por razões diversas foram desconsideradas pelos professores, e outras mais “modernas” que possam contribuir para melhoria do processo ensino e aprendizagem, tornando suas estratégias de trabalho mais diversificadas.

Sendo assim, o professor poderá, por meio deste manual, reconhecer alguns aspectos subjetivos do ser humano que podem ajudá-lo na ampliação do conhecimento de si mesmo, dos seus alunos e das potencialidades do processo ensino aprendizagem.

1 CONHECENDO JUNG

Carl Gustav Jung nasceu na Suíça no dia 26 de julho de 1875. Seus pais foram o pastor Johann Paul A. Jung e Emilie Preiswerk. O pai era religioso, culto e introspectivo e a mãe apresentava dois temperamentos distintos: amável, humana e submissa e forte, capaz de qualquer coisa, chegando a causar-lhe temor.

Desde pequeno, Jung foi acostumado a ler livros de filosofia na biblioteca de seu pai e já prestava atenção em seus sonhos. Sempre foi dado a examinar vários aspectos de uma questão e abordava um mesmo assunto de diferentes formas. Aos vinte anos cursou medicina, optando pela psiquiatria. Recém-formado ingressou na Clínica de Burghölzli, em Zurique e, ao final de cinco anos, já era médico chefe da psiquiatria, tendo passado pelos cargos de segundo assistente, primeiro assistente e médico chefe do hospital. Casou-se com Emma com quem teve quatro filhas e um filho. Emma, além de grande companheira, também se envolveu profissionalmente com a psicologia analítica, chegando a proferir conferências e produzir alguns livros.

Durante cinco anos, teve uma parceria intelectual e profissional com Freud que resultou em enriquecimento intelectual para ambos. Romperam a parceria por divergência em suas ideias.

Somente em 1907 Jung entrou em contacto pessoal com Freud. No dia 27 de fevereiro daquele ano Jung visitou Freud em Viena, e esta primeira visita prolongou-se por treze horas a fio de absorvente conversação. Freud logo reconheceu o alto valor de Jung e viu no suíço, no não judeu, o homem adequado para conduzir avante a psicanálise. Mas sobretudo viu nele "um filho mais velho", um "sucessor e príncipe coroado" (carta de Freud à Jung, datada de 16.4.1909). (SILVEIRA, 1988, p. 15)¹

Jung era um homem culto, falava várias línguas e dialetos, viajou muito estudando diversas culturas ampliando a sua visão de homem. É incontestável a enorme contribuição de Jung para a Psicologia que vem ganhando grande destaque no século XXI por estudiosos do mundo inteiro.

Dentre as muitas pesquisas desenvolvidas por Jung em relação à estrutura da psique humana, neste estudo destacamos sua concepção de tipos psicológicos.

¹ NISE DA SILVEIRA: médica psiquiatra brasileira. Reconhecida mundialmente por sua contribuição à psiquiatria, revolucionou o tratamento mental em nosso país e foi responsável pela introdução do pensamento junguiano no Brasil. Escreveu dez livros, destacando-se *Jung: Vida e Obra* (livro introdutório ao pensamento Junguiano e Imagens do Inconsciente com 271 Ilustrações, apresenta sua longa experiência vivida no hospital psiquiátrico.

Em 1920, aparece TIPOS PSICOLÓGICOS. Poder-se-á dizer que este livro funciona como uma compensação ao período de excessiva introversão, forçada pelas experiências interiores, pois trata de entender as relações do homem com outros homens, com as coisas e com o mundo. (SILVEIRA, 1988, p. 18)

Recentemente o cinema brasileiro teve acesso a algumas ideias de Jung por intermédio do filme “Nise – o coração da loucura” (2015) do diretor Roberto Berliner, com a atriz Glória Pires interpretando a Dra. Nise da Silveira (1905 – 1999) que ao voltar a trabalhar em um hospital psiquiátrico no subúrbio do Rio de Janeiro, após sair da prisão, propõe uma nova forma de tratamento aos pacientes que sofrem da esquizofrenia, eliminando o eletrochoque e lobotomia. Seus colegas de trabalho discordam do seu meio de tratamento e a isolam, restando a ela assumir o abandonado Setor de Terapia Ocupacional, onde dá início a uma nova forma de lidar com os pacientes, através do amor e da arte. Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra brasileira. Reconhecida mundialmente por sua contribuição à psiquiatria, revolucionou o tratamento mental em nosso país e foi responsável pela introdução do pensamento junguiano no Brasil. Escreveu dez livros, destacando-se *Jung: Vida e Obra* (livro introdutório ao pensamento Junguiano e Imagens do Inconsciente com 271 Ilustrações, apresenta a longa experiência vivida pela Dra. Nise no hospital psiquiátrico.

É preciso lembrar que o pensamento de Jung vem sendo largamente explorado pela medicina, psicologia, artes e educação.

2 JUNG: EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM

Este capítulo traz as concepções de Jung sobre Educação e Aprendizagem, dialogando com os pressupostos de Piaget e Vygotsky. O objetivo do capítulo é estabelecer relações entre os três teóricos, buscando assim articular seus conceitos com as ideias defendidas nesta dissertação.

2.1 EDUCAÇÃO

A palavra educação é abrangente e tem sido usada, ao longo do tempo, tanto relacionada a aspectos individuais quanto sociais. Com relação ao sentido, tem sido

relacionada ao sentido individual quando se refere ao desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada pessoa, tendo em vista o aprimoramento de sua personalidade. Por exemplo, quando admiramos a postura de um jovem, muitas vezes podemos dizer – Nossa! Como esse jovem é educado. No sentido Social, a educação é a ação que as gerações adultas exercem sobre as gerações jovens, orientando sua conduta, por meio da apropriação do conjunto de conhecimentos, normas, valores, crenças, usos e costumes aceitos pelo grupo social, possibilitando que tudo aquilo que foi desenvolvido culturalmente por um grupo seja transmitido para as gerações mais jovens.

Numa sociedade complexa, com muitos conhecimentos e tecnologia acumulados, fica difícil transmitir todo esse conhecimento para crianças e jovens e por isso, uma parte desse patrimônio cultural é transmitida por um modelo de educação sistematizada, garantindo a apropriação dos conhecimentos junto às novas gerações. Esse movimento é realizado pela Escola, instituição social criada para educar e ensinar.

A educação escolar constitui-se num sistema de instrução e ensino² com propósitos intencionais, práticas sistematizadas e alto grau de organização, ligado intimamente às demais práticas sociais. (LIBÂNEO, 2009, p. 24).

É a Pedagogia, que tem como seu objeto de estudo a Educação, que nos dá ciência, desde a antiguidade, dos teóricos que nos apresentam através dos tempos, todas as peculiaridades da Educação. Muitos nomes, se destacam em uma lista obrigatória de teóricos, para os cursos de formação do professor. Dentre eles, obrigatoriamente, vamos encontrar Piaget e Vygotsky, mas, certamente bem menos ou até não encontramos o nome de Jung.

As preocupações de Carl Gustav Jung com a Educação se evidenciam no volume XV das Obras Completas: O desenvolvimento da Personalidade, que reúne algumas conferências, por ele realizadas, entre 1910 e 1932. Nesta obra, encontramos a sua preocupação com o desenvolvimento infantil, com a educação, com o processo ensino aprendizagem e, conseqüentemente com o professor e com o aluno.

² A instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognoscitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. O ensino corresponde a ações, meios e condições para realização da instrução; contém, pois, a instrução. (LIBÂNEO, 2009, p. 23)

Para Jung (1921/1987), a educação pode acontecer de três maneiras: a educação pelo exemplo, a educação coletiva consciente e a educação individual.

A educação pelo exemplo acontece de forma inconsciente, pois aquele que aprende segue, imita o modelo que espontaneamente é apresentado por pais, irmãos, amigos, professores e até mesmo pela mídia. Quanto mais aquele que aprende se identificar com pai, mãe, irmão ou professor, entre outras pessoas que o cercam, mais ele vai seguir o modelo apresentado, inconscientemente.

Esta espécie de educação ocorre espontaneamente e de modo inconsciente; por isso é também a forma mais antiga e talvez a mais eficaz de toda e qualquer educação. Está em concordância com este método o fato de a criança se identificar mais ou menos com seus pais, do ponto de vista psicológico. Esta propriedade característica é a que mais se destaca entre as qualificações da psique primitiva. Porque a educação inconsciente pelo exemplo se fundamenta em uma das propriedades primitivas da psique, será este método sempre eficiente, mesmo quando todos os outros métodos diretos falharem. (JUNG, 1928/2008, p. 155).

A educação coletiva consciente é aquela que trabalha com regras, princípios e métodos. Estas características resumem a escolarização formal que acontece de maneira coletiva e/ou atendendo ao coletivo. Nesse tipo de educação, as pessoas receberão o conhecimento para que entendam e correspondam a sociedade em que estão inseridos.

A educação coletiva é indispensável e não pode ser substituída por nenhuma outra coisa. Vivemos na coletividade humana e precisamos de normas coletivas, do mesmo modo que devemos ter uma linguagem comum. Jamais devemos renunciar ao princípio da educação coletiva para favorecer o desenvolvimento da índole individual, por mais que desejamos que certas qualidades preciosas do indivíduo não sejam sufocadas pela educação coletiva. [...] Pode-se, pois, afirmar tranquilamente que a educação coletiva representa algo de indubitavelmente útil e que para muitos indivíduos é o suficiente. (JUNG, 1928/2008, p. 156 e 157).

A educação individual é destinada para aqueles, cuja educação coletiva não atenda adequadamente, crianças e jovens que por motivos diversos resistem à educação coletiva, incluindo aqueles que possuem talentos diferenciados, crianças superdotadas ou com altas habilidades.

Neste tipo de educação devem passar para segundo plano todas as regras, os princípios e métodos coletivos, pois o que se pretende é desenvolver é a índole específica do indivíduo; opõe-se, portanto, ao que se pretende na educação

coletiva: dar a todos o mesmo nível e a uniformidade. (JUNG, 1928/2008, p.157).

Além das três categorias citadas, Jung (2008) apresenta ainda a educação para a personalidade, entendendo esta pela:

Realização máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular. Personalidade é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria. (JUNG, 1928/2008, p.177).

Jung (1928/2008) acredita que a educação formal pode auxiliar no processo de desenvolvimento da consciência, considerando que a educação para a personalidade deva se apresentar como ideal pedagógico de desenvolver as potencialidades inatas dos educandos, à medida que estes vão se descobrindo como seres únicos, capazes de contribuir de forma particular para a sociedade.

Na educação para a personalidade, Jung acrescenta que os professores, eles mesmos, deveriam ter sido educados para esta modalidade, caso contrário, podem conduzir seus alunos por uma educação autômata, privilegiando a repetição de comportamentos e conhecimentos, em vez de construir conhecimentos e desenvolver a criatividade. Sem utilizar o mesmo termo, aponta para a necessidade da formação continuada do professor dentro da perspectiva de desenvolver sua personalidade.

Jung diz que os educadores foram educados, mas afirma que não se pode dizer que todos eles sejam personalidades, uma vez que tiveram a mesma educação defeituosa que as crianças a quem estão incumbidos de educar. Afirma, entretanto, que a educação possui uma orientação falha, que vê apenas a criança que deve ser educada, sem levar em consideração a carência em relação à educação do educador adulto. (LAUFER, 2017, p.10)

Fica assim evidente a necessidade de formação contínua, pois o sujeito que ensina precisa reconhecer em si mesmo suas potencialidades e dificuldades, para que possa desta forma, empaticamente, compreender as necessidades de seus alunos. Educar para personalidade é tarefa do adulto que, supostamente já atingiu este desenvolvimento.

Jung não foi propriamente um teórico da educação, mas algumas de suas proposições sobre a personalidade podem ser úteis neste estudo.

2.2 APRENDIZAGEM

Pensar em aprendizagem por intermédio da perspectiva junguiana nos leva a falar da relação do sujeito com o objeto e por este caminho, Jung entende como Piaget que a atitude do sujeito frente ao objeto é de natureza biológica.

A relação entre sujeito e objeto é, biologicamente considerada, uma relação de ajustamento, uma vez que toda relação entre sujeito e objeto pressupõe sempre efeitos modificadores de um sobre o outro. Essas modificações constituem o ajustamento. (JUNG, 1921/1987, p. 388)

Assim como Piaget, Jung acredita que a criança seja capaz de interagir com o meio na tentativa de realização de suas necessidades ainda primitivas, como alimentação, conforto e descanso. Essa interação, nomeada por Jung como ajustamento pode se dar de duas formas ou disposições.

As disposições típicas a respeito do objeto são, portanto, processos de ajustamento. A natureza conta com dois caminhos fundamentais e distintos de ajustamento e de possível resistência ao mesmo, por parte dos organismos. Um caminho é o da fecundidade intensificada, com um poder de defesa e duração de vida relativamente escassos em cada indivíduo; o outro caminho é o da dotação do indivíduo com múltiplos meios de conservação própria, mas de fecundidade relativamente diminuta. (JUNG, 1921/1987, p. 388)

As duas formas ou disposição de ajustamento do indivíduo ao meio, indicam, respectivamente as atitudes extrovertida e introvertida, possíveis na interação do sujeito ao meio por intermédio da sua relação com os objetos.

Esse contraste biológico não só nos dá uma analogia como também uma base geral para os nossos meios de ajustamento psicológico. Eu gostaria de cingir-me, neste ponto, a uma referência geral, quer dizer, por uma parte, à particularidade de entrega constante de si mesmo que singulariza o extrovertido e, por outra parte, à tendência para defender-se das solicitações exteriores e evitar toda a emissão de energia que se dirija diretamente ao objeto, que caracteriza o introvertido. (JUNG, 1921/1987, p. 388)

Jung (1921/1987) identifica que desde os primeiros anos da infância, até mesmo nos primeiros meses, já é possível observar-se e, algumas vezes, reconhecer com segurança qual a disposição de ajustamento com o objeto apresentada, preferencialmente, pelo indivíduo e que vai perdurar ao longo de sua vida. Destaca ainda, que tal preferência não pode ser creditada a influência materna ou paterna,

uma vez que irmãos, desde muito cedo, apresentam tipos de atitudes completamente distintos de relação a interação com o objeto.

Ainda na mesma obra, não descarta a importância da influência dos pais, porém destaca que a disposição natural da criança frente ao objeto, na maioria das vezes, prevalecerá. Uma insistente influência contrária à disposição original da criança vinda por parte dos pais, poderá desencadear uma neurose no sujeito.

Em última análise, portanto, haverá de atribuir à disposição individual, dada a maior igualdade de condições externas, a inclusão das crianças num ou noutro tipo. Só tenho em vista, naturalmente, os casos que se dão em condições normais. Sob condições anormais, quer dizer, onde estiverem em causa disposições extremamente e, portanto, anormais das mães, pode-se impor aos filhos uma disposição relativamente idêntica, violentando a disposição individual que porventura teria escolhido outro tipo se não tivesse havido a intervenção de perturbadoras influências exteriores e anormais. Sempre que se verifica semelhante falsificação do tipo, imposta por uma influência estranha, o indivíduo acabará geralmente neurótico, com o decorrer do tempo, e sua cura só será possível restaurando nele a disposição que naturalmente lhe correspondia. (JUNG, 1921/1987, p. 388)

Permeando a obra de Jung e Vygotsky, percebe-se uma forte consideração dos acontecimentos sócio históricos para a compreensão do desenvolvimento e conseqüentemente da aprendizagem humana. A preocupação com os acontecimentos históricos e culturais para a compreensão de um homem psicológico está presente em toda obra de Jung.

O homem leva sempre consigo toda a sua história e a história da humanidade. Com efeito, o fator histórico representa uma necessidade vital à qual compete responder a com sábia economia. Ao passado deve ser consentido, de algum modo, que fale e conviva no presente. (JUNG, 1921/1987, p. 395)

A teoria analítica junguiana e, conseqüentemente, sua tipologia numa aproximação com o ensino e aprendizagem, vem sendo estudada e explorada por alguns pesquisadores e educadores brasileiros, sendo o caso de:

- Suely Moreira (1989), que publicou “Da clínica a sala de aula: uma investigação antropológica” onde se fundamenta na tipologia junguiana para mostrar a relação existente entre professor, aluno e a aprendizagem.

- Carlos Byington (1996) que fundamentado na psicologia junguiana desenvolveu a Pedagogia Simbólica que, segundo Andrade (2010) baseia-se no desenvolvimento da personalidade e contempla vários aspectos da vida, relacionando simbolicamente, conteúdos ensinados e a vida em sua totalidade e potencialidade, incentivando práticas interdisciplinares.
- Claudio Saiani (2002) que publicou “Jung e a Educação: uma análise da relação professor/aluno”.
- Claudete Sargo (2005) que publicou “O berço da aprendizagem; um estudo a partir da psicologia de Jung” onde analisa as dificuldades de aprendizagem nas crianças.
- José Jorge Zacharias (2006b) que em um de seus livros sobre tipologia, reserva um capítulo para falar de educação, chegando a propor uma didática tipológica.
- Em uma proposta de estratégias e atividades práticas, Céline Larthiois (2008) publicou “Exercícios de pedagogia profunda: uma inclusão da alma na educação”.

Moreira (1989), Byington (1996), Saiani (2002), Sargo (2005), Zacharias (2006b) e Larthiois (2008) são alguns pesquisadores que indicam que a psicologia analítica tem muito a contribuir para a Educação e o processo ensino aprendizagem.

3 OS TIPOS PSICOLÓGICOS DE JUNG

A preocupação de professores com seus alunos e a apropriação do conhecimento vem crescendo a cada dia seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Os apelos crescentes das novas tecnologias e novas mídias levam o alunado a se distanciar do modelo de ensino aprendizagem oferecido pela maioria das escolas e pela maioria dos professores.

Além do conhecimento teórico e prático de suas disciplinas, do conhecimento das características de desenvolvimento de pensamento da faixa etária com que trabalha e da compreensão de como se dá o processo ensino aprendizagem, faz-se necessário que o professor amplie seus conhecimentos em relação a questões subjetivas que podem interferir na compreensão e apropriação dos conhecimentos por parte de seus alunos.

Um aspecto subjetivo que pode interferir no processo ensino aprendizagem e que cabe ao professor ter conhecimento se refere ao tipo psicológico, uma vez que este pode oferecer subsídios sobre o estilo de aprendizagem de seu aluno. Segundo Zacharias (2006b), a tipologia indica como uma pessoa se orienta preferencialmente no mundo e na escola oferece uma leitura de como o sujeito realiza a interação e apropriação com o objeto de conhecimento.

Ao orientar-se pela tipologia junguiana, o professor tem indicadores de como “funciona” cada um de seus alunos no que se refere a sua interação e apropriação do objeto de conhecimento.

3.1 ESTUDOS ORIGINADOS A PARTIR DOS TIPOS JUNGUIANOS

Em 1942, o livro Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung serviu de base para Katharine Cook Briggs e sua filha Isabel Briggs Myers, ambas norte-americanas, a criarem o inventário The Myers-Briggs Type Indicator (MBTI) que aponta aspectos da personalidade que levam ao autoconhecimento, destacando os pontos fortes e as dificuldades do sujeito, a fim de trabalhar seu desenvolvimento pessoal e profissional. Os tipos de personalidade apresentados pelo MBTI ratificam a diferença que existe entre as pessoas já estudadas por Jung.

Em todo nosso trabalho subsequente com tipos, Katharine Briggs e eu tomamos esses quatro pares de opostos como básicos. Não os inventamos nem os descobrimos. Eles são inerentes à teoria de Jung da função dos tipos, que é baseada em muitos anos de observação, que pareceram a ele sintetizar o conhecimento já existente da personalidade. Temos estado menos interessadas em definir os processos do que descrever os efeitos de cada preferência, tanto quanto pudemos observar ou inferir, e em usar as consequências mais acessíveis (não as mais importantes) para desenvolver os meios de identificar o tipo. (MYERS; MYERS, 1977, p. 46).

Na década de 80, o norte americano Richard Felder, incomodado com as desistências e repetências de alunos iniciantes do curso de engenharia em que era professor, desenvolveu, junto com Linda K. Silverman, baseados em estudos já existentes de estilos de aprendizagem e na teoria de Jung, (SENRA, 2008), um estudo, na tentativa de ajudar esses alunos. O produto deste culminou com a criação de um modelo de estilos de aprendizagem que vem sendo usado desde então por diversos pesquisadores. Esse modelo deu origem posteriormente ao um instrumento, desenvolvido por Felder e Soloman chamado ILS (Index of Learning Styles), para identificar os estilos de aprendizagem dos alunos. O Questionário de Estilos de Aprendizagem de Felder projeta a forma como os indivíduos preferem receber e processar a informação, em quatro dimensões.

- a) Ativo (esforço ao aprendizado, gosta de trabalhar em grupo) ou Reflexivo (aprende a pensar, prefere trabalhar sozinho ou com um ou dois parceiros);
- b) Sensitivo (concreto, prático, voltado para fatos e procedimentos) ou Intuitivo (conceitual, inovador, orientado para teorias e significados subjacentes);
- c) Visual (prefere representações visuais do material apresentado, tais como imagens, diagramas e fluxogramas) ou Verbal (prefere escrita e explicações comentadas);
- d) Sequencial (processo de pensamento linear, aprende com passos incrementais) ou Global (processo de pensamento holístico). (SCHMITT; DOMINGUES, 2016)

O conhecimento dos estilos de aprendizagem proposto por Felder visa facilitar a aprendizagem dos alunos. O perfil do aluno interfere na forma como ele se apropria do objeto de conhecimento e suas preferências interferem no seu estilo de aprendizagem. O estilo representa a diferença de cada pessoa em captar e processar as informações recebidas no processo ensino aprendizagem. (FERREIRA, 2018; PITUBA, 2018; LOPES, 2002).

O norte americano David Kolb desenvolveu a teoria da aprendizagem experiencial e em 1984 publicou seu modelo de estilos de aprendizagem, entendendo que pessoas diferentes apresentam estilos particulares de aprendizagem (BATISTA;

SILVA, 2010). Dando continuidade a seus estudos, criou um instrumento de investigação do estilo de aprendizagem: o Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb (CERQUEIRA, 2008). Entre os teóricos que destaca em suas pesquisas aparece o nome de Carl Gustav Jung como uma das fontes de seus trabalhos. (CERQUEIRA, 2008; BATISTA; SILVA, 2010).

Por exemplo, Kolb diz que sua teoria de aprendizagem experiencial e, portanto, o modelo de estilo de aprendizagem nela contido, constrói-se sobre a asserção de Carl Jung, segundo a qual estilos de aprendizagem resultam dos caminhos de adaptação no mundo preferidos das pessoas.

Entre muitas outras correlações entre definições, Kolb pontua que a dimensão dialética 'Extroversão/Introversão' de Jung – (que apresenta e é medida no Indicador Modelo Myers Briggs) correlaciona-se com o modelo 'Ativo/Reflexivo' (fazer/observar) dialético (contínuo leste-oeste) de Kolb. (BATISTA; SILVA, 2010, p.10).

No Brasil, na década de 90, o psicólogo José Jorge de Moraes Zacharias, fundamentado na teoria junguiana e inspirado no inventário MBTI de Myers e Briggs desenvolveu o QUATI – Questionário de Avaliação Tipológica, publicado pela Vetor, em 1994, atendendo a necessidade de um instrumento de avaliação tipológica em português e adequado à realidade brasileira.

Em nosso meio, nos últimos anos tem se intensificado a procura pelo estudo da psicologia analítica e os campos de utilização de seus princípios têm se expandido para além dos consultórios de psicologia, atingindo o campo da psicologia organizacional e da aprendizagem. Assim, acreditamos que o uso prático da tipologia em muito contribuirá não só para o uso em clínica e psicoterapia, bem como para seleção de profissionais, para organização de grupos de trabalho, para avaliação profissional, para auxiliar na detecção e solução de conflitos nas organizações, para treinamento empresarial e remanejamento de pessoal, para a criação de programas de ensino-aprendizagem, para a orientação de professores e pais, para orientação vocacional e aconselhamento familiar. (ZACHARIAS, 1994, p.7)

A teoria dos tipos psicológicos de Jung, publicada pela primeira vez em 1921, despertou interesse e curiosidade, primeiro na área médica e gradativamente foi ampliando sua área de influência. Usada inicialmente como um indicador comportamental para orientar o processo terapêutico no atendimento clínico, foi avançando para a área empresarial e para a área da Educação.

3.2 OS TIPOS PSICOLÓGICOS NA TEORIA JUNGUIANA

Jung distingue dois tipos de atitudes que o ser humano demonstra frente ao mundo, uma extrovertida e outra introvertida. Além destes dois tipos, Jung aponta quatro funções da consciência, a saber: pensamento, sentimento, sensação e intuição. A combinação das quatro funções com as duas formas de atitude indicadas, formam tipos específicos de personalidade. Cada um dos tipos de personalidade corresponde a um conjunto característico de atitudes de relacionamento com o mundo e dessa maneira existem pelo menos oito tipos de combinações. O autor designa os primeiros “como tipos gerais de disposição, que se distinguem pela direção dada a seus interesses e ao movimento da libido; os segundos serão designados como tipos funcionais”. (JUNG, 1921/1987, p. 386)

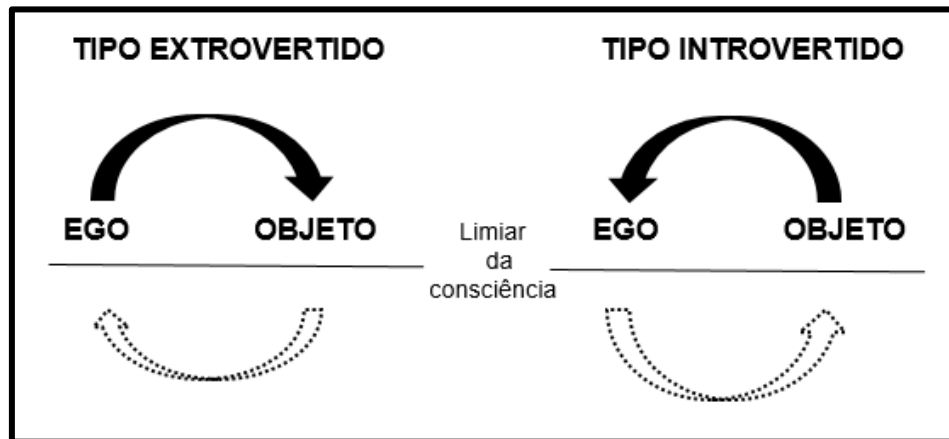
Desta forma, considerando primeiro a atitude frente ao mundo e em segundo a função da consciência, os oito tipos básicos formado por estas de combinações são: extrovertido pensamento; introvertido pensamento; extrovertido sentimento; introvertido sentimento; extrovertido sensação; introvertido sensação; extrovertido intuição; introvertido intuição.

3.2.1 Atitude

A Atitude é modo habitual com que o indivíduo age na vida através da direção da energia, o caminho de menor resistência, o seu temperamento. Jung identifica duas atitudes do indivíduo frente ao mundo: Extroversão e Introversão.

A atitude pode ser visualizada no diagrama proposto por Marie-Louise von Franz (Figura 1) que por meio de setas negras mostra o fluxo da energia na consciência e nas setas pontilhadas, o fluxo da energia no inconsciente. No tipo extrovertido sua atitude é dirigida partindo do Ego para o objeto e, no tipo introvertido, é o objeto que desencadeia a reação da atitude.

FIGURA 1 - FLUXO DE ENERGIA: CONSCIENTE E INCONSCIENTE



FONTE: VON FRANZ (2011, p. 32).

3.2.1.1 Introversão

O tipo introvertido considera o objeto (que se encontra fora dele), porém é a subjetividade que determinará sua atitude. Sua reação é interna, e pode não exteriorizar esta reação. O introvertido evita direcionar sua energia para o objeto, trata-se de uma tendência para defender-se das solicitações exteriores e evitar toda a emissão de energia que se dirija diretamente ao objeto, que caracteriza o introvertido. (JUNG, 1921/1987, p.388).

Os introvertidos não são guiados pelo objeto, ou seja, aquilo que está fora deles. Não aceita de imediato o que vem de fora, precisa antes, integrar o estímulo a sua estrutura interna para então assimilá-la e dar um retorno ao mundo externo. São mais calados e observadores. Os conhecimentos são processados silenciosamente e o introvertido não sente a necessidade de exteriorizá-los devido a alguma expectativa que se forme a sua volta, seu movimento é o de uma maior reflexão e uma menor ação.

3.2.1.2 Extroversão

O extrovertido é uma pessoa que se expõe, caracterizado por uma entrega constante, se orientando de acordo com os dados que capta do exterior. Suas decisões e ações são determinadas por situações objetivas. Vive diretamente ligado ao mundo exterior, dando maior importância ao objeto do que ao seu ponto de vista subjetivo. Apesar de ter opiniões subjetivas, estas perdem força para as condições objetivas exteriores. Jung (1921/1987, p. 393) explica que toda consciência do

extrovertido está voltada para fora, onde toda determinação importante e decisiva sempre vem de fora.

O interesse e atenção do extrovertido estão voltados para pessoas, coisas e fatos que o cercam, sendo influenciado pelo mundo externo e colocando em segundo, terceiro ou quarto plano, os seus conhecimentos, experiências ou convicções subjetivas. Jung (1921/1987, p.393) adverte que o risco está em ser absorvido pelos objetos, perdendo-se ele próprio neles, totalmente.

Socialmente, o extrovertido recebe mais crédito do que o introvertido, mas, se o extrovertido não aprender a transitar pela introversão pode ter tanto prejuízo quanto o introvertido que não aprende a transitar pela extroversão. Bondía (2002) nos fala do sujeito moderno que é chamado a ser um homem para fora, para o objeto, que está sempre informado e que opina, mas que essa obsessão pela opinião anula as possibilidades de experiência fazendo com que nada lhe aconteça.

FIGURA 2 – Algumas Características dos Tipos Extrovertido e Introvertido

Extroversão	Introversão
• é impulsivo;	• é hesitante;
• é objetivo;	• é subjetivo;
• é impressionante;	• é impressionável;
• não pode compreender a vida até que a tenha vivido;	• não pode viver a vida até que a tenha compreendido;
• tem postura relaxada e confiante;	• tem postura reservada e questionadora;
• mergulha em experiências novas e não testadas anteriormente;	• precisa sondar o novo antes de decidir-se a entrar nele;
• tem atenção voltada para o mundo externo;	• tem atenção voltada para o mundo interno;
• tem interesse por acontecimentos objetivos;	• tem interesse por acontecimentos subjetivos;
• o mundo real é o das pessoas e coisas;	• o mundo real é o das ideias e impressões;
• tem impulso para a ação e prática;	• voltado para a reflexão e análise.
• primeiro age e depois pensa;	• primeiro pensa e depois pode ser que aja;
• reage prontamente aos estímulos ambientais.	• resiste a se deixar influenciar pelos estímulos ambientais;
• tende a desconsiderar suas necessidades mais internas.	• tende a desconsiderar as relações com os acontecimentos exteriores;
• é sociável, compreensível e acessível;	• é impenetrável, taciturno e distante;
• prefere lidar com coisas e pessoas a lidar com ideias e questões subjetivas.	• prefere lidar com ideias e coisas subjetivas a lidar com coisas e pessoas

Fonte: ZACHARIAS (2006b, p. 61)

3.3 FUNÇÕES DA CONSCIÊNCIA

A consciência permite ao ser humano ter ciência (informação) do que está a sua volta, de que se oriente na vida e se adapte às situações. As funções da consciência são subdivididas por Jung como funções racionais e funções irracionais. Pensamento e Sentimento são as funções racionais e Sensação e Intuição, as funções irracionais.

A sensação (isto é, a percepção sensorial) nos diz que uma coisa existe; o pensamento nos diz o que é essa coisa; o sentimento nos revela se essa coisa é agradável ou não; e a intuição dir-nos-á de onde ela vem e para onde vai. (JUNG, 1964, p.61)

Cada uma das funções pode apresentar variações quando conjugadas com a atitude introvertida ou extrovertida, estabelecendo então oito tipos psicológicos e não quatro. Outras variações podem elevar o número e peculiaridades de tipos se considerarmos outros fatores como: a segunda função.

Durante o desenvolvimento da psique uma das atitudes vai-se diferenciar, bem como uma das funções, que se vai tornar a função dominante ou principal. Uma outra função será desenvolvida com menos intensidade, tornando-se auxiliar da primeira. As outras duas não se desenvolverão na consciência, permanecendo assim, inconscientes. (ZACHARIAS, 2006b, p.57)

3.3.1 Funções Racionais: Pensamento e Sentimento

São consideradas funções racionais porque sua utilização depende de julgamento, análise, avaliação e consideração sobre o objeto. As funções racionais possibilitam que a relação entre sujeito e objeto seja articulada, isto é, a relação é caracterizada pela avaliação que o sujeito faz do objeto.

De maneira geral, segundo Zacharias (2006b, 2010) pode-se levantar como características de uma pessoa que tenha o tipo Pensamento como função principal que este seja um sujeito organizado, que gosta de estudar e investigar, geralmente é impessoal, interessando-se mais pelas “coisas” do que pelos relacionamentos. É prático, sendo mais forte, em habilidades executivas do que sociais, é um questionador, mesmo que em silêncio. Reprime ou desvaloriza o sentimento que é incompatível com o pensamento. É racional e organizado. A pessoa que apresenta como sua função principal o pensamento é alguém que gosta de resolver seus

problemas com lógica. Sendo extrovertido ou introvertido, é o aluno que tende a não ter problema para se apropriar dos conteúdos trabalhados em sala de aula ou indicado para tarefas de casa.

Zacharias (2006b, 2010) indica que a pessoa que tem como primeira função, o Sentimento, de maneira geral tem facilidade de adaptar-se à vida social; é uma pessoa amigável mesmo em relações profissionais, tem valores elevados, uma ética percebida por todos e critério para entender as pessoas e avaliar as situações a sua volta. Está sempre pronto para ajudar o outro, às vezes esquecendo-se de si mesmo. Tem dificuldade de compreensão de coisas muito profundas, podendo ter dificuldade para estudar ou escrever com autonomia por não confiar na sua capacidade intelectual, costumando expor seu pensamento de forma simples. Apresenta uma tendência a concordar com o outro por acreditar que está certo, reprimindo ou desvalorizando seu pensamento. Valoriza mais o sentimento do que a lógica.

FIGURA 3 – Algumas Características das Funções Pensamento e Sentimento

Pensamento	Sentimento
• valoriza a lógica sobre o sentimento;	• valoriza o sentimento sobre a lógica;
• é impessoal;	• é pessoal;
• tem interesse em coisas e processos;	• tem interesse em pessoas e relações sociais;
• prefere dizer a verdade diretamente;	• prefere dizer a verdade indiretamente;
• é melhor executor que relações públicas;	• tem melhores relações públicas que executor;
• é questionador;	• é apaziguador;
• é crítico;	• é crédulo;
• tende a pensar que os outros estão errados;	• tende a pensar que os outros estão certos;
• é rápido e profissional;	• é calmo e afetivo;
• tem dificuldade em estabelecer amizades;	• tem facilidade em estabelecer amizade;
• é pouco sociável;	• é muito sociável;
• é organizador e lógico;	• é receptivo e afetivo;
• tem facilidade em lidar com lógica;	• tem facilidade em lidar com pessoas;
• parece frio e calculista;	• parece piegas e bajulador;
• é formal;	• é informal;
• é imparcial em seus julgamentos;	• é parcial em seus julgamentos;

• tem maior interesse no trabalho a ser realizado;	• tem maior interesse nas pessoas que trabalham;
• prefere a justiça.	• prefere a misericórdia.

Fonte: ZACHARIAS (2006b, p. 65 e 66).

3.3.2 Funções Irracionais: Sensação e Intuição

As funções Sensação e Intuição são consideradas irracionais por apreenderem a situação diretamente, sem a mediação de um julgamento ou avaliação. A pessoa reconhece o mundo pela precisão com que registra suas impressões nos órgãos sensoriais ou pelo inconsciente e baseia sua ação ou o não agir na intensidade da percepção. Segundo Jung (1921/1987, p. 431), “ o que determina sua ação é o que se limita, pura e simplesmente, ao que acontece, ao que não foi submetido a qualquer seleção por parte do juízo. ”. São funções mais determinadas pelo inconsciente.

Aquele que tem a Sensação como função principal é descrito por Zacharias (2006b, 2010), como observador e usa bem os sentidos em geral, tem a capacidade de perceber o mundo que o cerca com facilidade: pessoas, objetos, ambiente e é capaz de captar detalhes que outras pessoas não percebem. As pessoas apresentam dificuldades com mudanças, podem ser detalhistas ou lentas para realizar a tarefa com perfeição. Vivem o agora, tendo dificuldade para elaborar projetos para o futuro.

Segundo Zacharias (2006b, p. 100) “Jung define a intuição como um processamento de informação ultra-rápido que se dá em nível inconsciente; não é fácil sua definição consciente. ” Ainda Zacharias (2006b, 2010) aponta que, quem apresenta a Intuição como função principal traz como característica ser inquieto, imaginativo e possuir uma dificuldade de viver o momento. É comum apresentar dificuldade no estudo de exigências do agora. Não tem gosto pela vida como ela é, desejando oportunidades e possibilidades. Pode ser indiferente ao que os outros fazem e não gostarem de ocupação que exija concentração. Apresenta disponibilidade a sacrificar o presente, sendo, geralmente, pouco persistente. A maioria das vezes não consegue concretizar o produto de sua inventividade.

FIGURA 4 – Algumas Características das Funções Sensação e Intuição

Sensação	Intuição
• é observador;	• é imaginativo;
• busca a estimulação dos sentidos;	• busca a inspiração criativa;

• é atento aos detalhes do ambiente externo;	• é atento às possibilidades e ao todo;
• percebe imediatamente a realidade sacrificando a inspiração;	• desloca-se facilmente para a mudança e inovação, sacrificando a realidade;
• gosta dos prazeres dos sentidos;	• é alheio aos prazeres dos sentidos;
• é imitativo	• é criativo;
• é muito influenciável pelo ambiente físico;	• é pouco influenciável pelo ambiente físico;
• tem dificuldade em adiar recompensas;	• esquece-se de suas necessidades físicas;
• é rotineiro;	• é inovador;
• apoia manifestações de luxo e beleza;	• apoia novas e arrojadas ideias;
• pode ser frívolo;	• pode ser alienado da realidade;
• é bom com equipamentos e máquinas;	• é bom com projetos e pesquisas;
• é pragmático;	• é teórico;
• é estável e convencional;	• é instável e arrojado;
• tem dificuldade em criar e imaginar.	• tem dificuldade em realizar e concretizar.

Fonte: ZACHARIAS (2006b, p. 63 e 64)

Apesar de todo ser humano ter a possibilidade de transitar nos quatro tipos de funções, uma delas se tornará dominante, principal, ao mesmo tempo que uma outra também se desenvolverá, porém com menor intensidade. Esta será identificada como função auxiliar. As outras duas não se desenvolverão na consciência. Vão existir no inconsciente. No trabalho clínico, psicoterápico, é possível desenvolver a compreensão e o acesso as terceira e quarta função. A quarta função, também é conhecida como função inferior.

Zacharias (2006b) apresenta uma analogia entre os tipos psicológicos e as fases da lua que simplifica a compreensão da dominância do tipo psicológico.

A definição da luação é em função da quantidade de luz que ela (lua) recebe do sol. Se entendermos a luz solar como consciência, teremos uma fase de plena consciência (lua cheia), outra fase de média luz tendendo para mais (quarto crescente), outra tendendo para menos (quarto minguante) e a última totalmente escura (lua nova).

Assim, a lua cheia corresponde a função superior ou mais desenvolvida, a quarto crescente à função auxiliar, a quarto minguante à função oposta a auxiliar e a lua nova a função inferior. (ZACHARIAS, 2006b, p. 68)

A função de maior luz é aquela que está à disposição do consciente e determina as principais características no modo de agir de uma pessoa. A função principal ou superior pode se manifestar de forma introvertida ou extrovertida.

4 MÉTODO DE ENSINO E AS METODOLOGIAS ATIVAS

O pressuposto deste trabalho é o de que um método depende dos meios de ensino disponíveis e, principalmente, das características daqueles que são alvo do processo de ensino e aprendizagem (participantes), do número de alunos em sala de aula, da sua idade, do seu nível de desenvolvimento sociocultural. Logo, os métodos de ensino não podem ser vistos como respostas definitivas para determinado contexto educacional, pois diferentes aspectos como os citados anteriormente devem ser considerados: “Pesquisas recentes comprovam que o modelo tradicional de ensino é cada vez mais obsoleto e incapaz de atender aos anseios e necessidades da sociedade moderna” (CHRISTOFOLETI et al., 2014, p. 190). Tal afirmação produz naqueles que estudam a questão interesse e instiga perguntas e reflexões a respeito do que seja necessário para a aprendizagem.

O termo método vem do grego *Méthodos* = caminho para chegar a um fim e se refere a um caminho para atingir um fim, um objetivo. Portanto, o método de ensino é um procedimento didático caracterizado por certas fases e operações para alcançar um objetivo previsto.

Haydt (2006) apresenta a classificação de Irene Cavalho (1973) que resume de forma objetiva os métodos em métodos individualizados, socializados e socioindividualizados de ensino.

a) Métodos individualizados de ensino — São aqueles que valorizam o atendimento às diferenças individuais e fazem a adequação do conteúdo ao nível de maturidade, à capacidade intelectual e ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, considerado individualmente. [...] b) Métodos socializados de ensino — São os métodos que valorizam a interação social, fazendo a aprendizagem efetivar-se em grupo. [...] c) Métodos socioindividualizados — São os que combinam as duas atividades, a individualizada e a socializada, alternando em suas fases os aspectos individuais e sociais. (HAIDT, 2006, p.147)

Ainda segundo Haydt (2006), o professor quando escolhe um procedimento de ensino³, deve considerar quatro aspectos:

a) adequação aos objetivos estabelecidos para o ensino e a aprendizagem;
b) a natureza do conteúdo a ser ensinado e o tipo de aprendizagem a efetivar-se;

³ Ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com coisas, fatos ou fenômenos que lhes possibilitem modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos. (TURRA et al, p.126)

- c) as características dos alunos, como, por exemplo, sua faixa etária, o nível de desenvolvimento mental, o grau de interesse, suas expectativas de aprendizagem;
- d) as condições físicas e o tempo disponível. (HAYDT, 2006, p.145)

Entende-se desta forma que a escolha dos métodos é de responsabilidade do professor que levando em consideração as singularidades de seu componente curricular, os recursos disponíveis e o perfil de seu alunado, tem condições de selecionar os métodos e técnicas que considerar mais adequados.

Seguem alguns exemplos de métodos propostos por Libâneo (1994) que podem, de acordo com a abordagem do professor, despertar a pró-atividade:

- Método de exposição pelo professor:
A atividade dos alunos é receptiva, não necessariamente passiva. Trata-se de procedimento didático que pode despertar o interesse quando o conteúdo exposto é vinculado às experiências dos alunos.
- Método de trabalho independente:
Consiste em tarefas propostas dirigidas e orientadas pelo professor .
- Método de elaboração conjunta ou conversação didática:
Nesta proposta é necessária a incorporação prévia pelos alunos dos objetivos a serem atingidos - pressupõe a dialogicidade.
- Método de trabalho em grupo:
Caracteriza-se pela troca de saberes, experiências, habilidades de trabalho coletivo responsável, e a capacidade de verbalização dos pontos de vista.
- Debate:
Os alunos agrupados discutem um tema polêmico, defendendo uma posição.
- Tempestade mental:
A partir da proposição de um tema, os alunos devem dizer o que lhes vem a cabeça, sem preocupação nem censura mental, o professor anota as ideias e faz a análise, coletivamente, do que é relevante para prosseguir a aula.
- Seminário:
Os alunos preparam um tema para apresentá-lo à classe. Esta técnica pode estar associada a uma proposta metodológica de elaboração conjunta ou conversação didática, como também de exposição pelo grupo ou aluno.
É preciso potencializar o conhecimento através da mediação do professor e o contexto seja considerado como elemento nesse processo, pois o contexto da

aprendizagem auxilia a construção do conhecimento, desde que não seja adotada uma postura da homogeneização em sala de aula, mas sim a de que a diversidade é elemento importante no processo.

Os métodos de ensino vêm se transformando com o tempo, acompanhando as mudanças, em uma realidade multifacetada, em uma nova versão de mundo que oferece a informação e o conhecimento na palma da mão, em poucos segundos.

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a Internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes. Isso é complexo, necessário e um pouco assustador, porque não temos modelos prévios bem-sucedidos para aprender de forma flexível numa sociedade altamente conectada. (MORAN, 2015, p.16)

A aula teórica expositiva, os livros, as dinâmicas de grupo em sala de aula, ainda tem o seu lugar, mas em tempo de Internet, *Tablets*, *Kindle*, TV por assinatura, TV interativa, plataformas digitais para canais particulares de vídeo, plataformas digitais de música e games interativos em tempo real, os métodos de ensino precisam se diversificar.

Entende-se que, se o docente utilizar o mesmo plano de aula e as mesmas estratégias inúmeras vezes, sem fazer uma reflexão sobre seus resultados e desdobramentos na aprendizagem dos estudantes, é possível que, nesse caso, sua ação se torne rotineira, automática e, logicamente, não terá um caráter ativo. (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p.285)

Se o professor se utiliza apenas de métodos tradicionais, previsíveis, pode gerar um comportamento de passividade em seus alunos, por isso, as escolhas do professor devem priorizar a atividade do sujeito.

4.1 METODOLOGIAS ATIVAS

Para despertar a atividade do sujeito, a escola está buscando caminhos de mudança. Algumas realizam mudanças radicais no espaço físico, nas tecnologias e no corpo docente e outras escolas, que também percebem a necessidade de mudanças, buscam soluções intermediárias, suavizando as mudanças, segundo Moran (2015).

No caminho mais suave, elas mantêm o modelo curricular predominante – disciplinar – mas priorizam o envolvimento maior do aluno, com metodologias ativas... (MORAN, 2015, p. 15).

Nas Metodologias Ativas, o aluno é o centro do processo de aprendizagem, deixando de ser o expectador para ser o centro do processo; o aluno sente-se pessoalmente convocado, motivado; ao aluno são apresentadas situações de reflexão sobre alguma problemática da sua realidade. As Metodologias Ativas favorecem a interação constante entre os estudantes, exige inovação tanto do professor quanto do aluno e ao professor é reservado o lugar de um dinâmico mediador.

A seguir, são apresentados cinco métodos ativos sugeridos por Ferreria (2018b).

4.1.1 Ensino sob medida (Just in time teaching)

O professor disponibiliza o material previamente para os alunos para ser estudado antes da aula, o ideal é que o material seja diversificado (textos, vídeos, músicas, exercício, questionários virtuais, etc.), em uma segunda etapa se realiza uma discussão em sala de aula a partir das dúvidas e materiais produzidos pelos alunos e numa terceira etapa o professor complementa o tema com os conhecimentos, materiais e atividades que achar necessário. A sequência pode ser finalizada com uma questão desafiadora inédita ao processo.

4.1.2 Instrução por pares ou colegas (Peer Instruction)

Se constitui em um conjunto de etapas com objetivo de promover e trocar conhecimentos. Na etapa 1 o professor apresenta um breve resumo do tema a ser estudado; na etapa 2 o professor apresenta uma questão conceitual de múltipla escolha sobre o assunto estudado; na etapa 3, o professor dá o tempo de dois minutos para que os alunos respondam a questão em um cartão; na etapa 4, se menos de 30% das respostas estiverem corretas, o professor volta para a Etapa 1; entre 30% e 70%, os alunos devem discutir a questão com outros alunos (em pares) por poucos minutos e depois respondem outra vez a questão, acima de 70% de acertos, o professor passa para um novo teste e vai para a etapa 3.

4.1.3 Scale Up

Tem objetivo de gerar maior autonomia ao aluno, em vez de aulas expositivas, o professor apresenta atividades em power point para os alunos, observarem, refletirem e discutirem para aprenderem. A sala deve estar preparada fisicamente e com recursos para estudarem.

4.1.4 Sala de aula invertida

O professor grava aulas e deixa disponível na internet para os alunos explorarem antes da aula. Durante a aula, são realizadas discussões, atividades, troca de informações. Os vídeos utilizados para a aula ficam disponíveis para os alunos assistirem quantas vezes quiserem.

4.1.5 Aprendizagem Baseada em Problemas

Os alunos são acompanhados por um professor ou por um aluno. Na etapa 1 se apresenta o problema, na etapa 2 os alunos discutem e levantam hipóteses a respeito das causas desse problema, na etapa 3 os alunos avaliam suas hipóteses e às comparam com os dados do problema, na etapa 4 os alunos resolvem os problemas, se não conseguirem o professor faz uma explicação e discussão de alguns pontos, na etapa 5 o professor define um trabalho em grupo com o tema e dá orientações, na etapa 6 os alunos fazem uma pesquisa individualmente, na etapa 7 os alunos compartilham sua pesquisa com o grupo, na etapa 8 os alunos aplicam as descobertas de conhecimento ao problema do início da atividade, na etapa 9, os alunos elaboram um produto com o que aprenderam e na etapa 10 os alunos realizam uma avaliação de todo o processo.

As Metodologias Ativas possibilitam a utilização de atividades que propiciam, ao professor, atender as necessidades pedagógicas da maioria dos alunos, respeitando suas individualidades, fortalecendo suas potencialidades e desenvolvendo aspectos ainda pouco desenvolvidos.

5 O TRABALHO PEDAGÓGICO E A TIPOLOGIA JUNGUIANA

Considerando, como Senra (2009) que os estudantes são caracterizados por estilos de aprendizagem significativamente diferentes, que enfocam diferentes tipos de informações, tendem a operar sobre a informação percebida de maneiras diferentes, e atingem a compreensão do assunto ensinado a velocidades diferentes (Senra, 2008, p. 16), uma das formas possíveis de identificar estes estilos é relacionando-os aos a tipologia junguiana.

É necessário entender que, em relação a tipologia, todas as pessoas devem ser estimuladas na experiência de características em perfis tipológicos diferentes dos seus tipos dominantes, visando a ampliação de suas possibilidades de ação no mundo.

Na escola, por intermédio da compreensão da tipologia junguiana, o professor tem uma ferramenta a mais para compreender o perfil de seus alunos.

5.1 TIPOLOGIA NA INFÂNCIA

Segundo Von Franz (1971), desde os primeiros anos, já é possível perceber a disposição da atitude de uma criança para a extroversão e introversão. E por volta de cinco anos já é possível identificar traços das funções ao perceber que a criança se envolve mais em atividades que tem maior facilidade e adia ou transfere para outros, aquelas tarefas das quais não se sente tão capaz.

Naturalmente, as funções não aparecem tão cedo, mas por volta da idade do Jardim de Infância costuma ser possível observar o desenvolvimento de uma função principal, através da preferência por alguma ocupação ou pelo comportamento da criança diante de outra. As crianças, como os adultos, tendem a fazer com maior frequência o que podem fazer bem e evitar o que não podem. (VON FRANZ, 1971, p. 14).

Assim como o tipo psicológico pode facilitar ou dificultar a ação do adulto sobre o objeto de conhecimento, da mesma forma ocorre na criança. Agregar o conhecimento da tipologia junguiana na formação inicial e continuada do professor pode apresentar um caminho facilitador para a escolha de estratégias diversificadas que auxiliem efetivamente no processo ensino aprendizagem.

A prática está mostrando que cada criança, como acontece com o adulto, tem um jeito próprio de aprender e se relacionar. A Psicologia Analítica, para explicar, nos apresenta a tipologia. A medida que o educador descobre esse aspecto, procura entendê-lo e passa a atuar orientado por esses parâmetros, provavelmente estará estabelecendo uma relação professor-aluno mais profunda e descobrindo estratégias que tornarão o aprendizado mais eficaz e duradouro. (MOREIRA, 1989, p.44)

5.2 TIPOLOGIA E APRENDIZAGEM

Quando os educadores analisam, estudam e avaliam a aprendizagem no Ensino Fundamental, o fazem principalmente pelo ponto de vista cognitivo, sendo raro encontrarmos estudos que analisem a aprendizagem pelo ponto de vista subjetivo e menos ainda sobre o ponto de vista tipológico. Especificamente sobre a tipologia junguiana e o Ensino Fundamental I, encontramos apenas um estudo de Moreira (1989) com o objetivo de verificar como as diferenças individuais vinham sendo estudadas em sala de aula, dando atenção para o processo de alfabetização em uma primeira série do primeiro grau, verificando se a interação tipológica determinava o desempenho das crianças durante o processo de alfabetização, chegando a conclusão de que a teoria dos tipos psicológicos pode explicar os encontros e desencontros entre professor e alunos.

- a utilização do referencial da Psicologia Analítica em nossas escolas poderia subsidiar o trabalho de orientadores e professores, garantindo melhor interação e aprendizado em nossas escolas;
- a inclusão do referencial da Psicologia Analítica nos cursos de formação de educadores, poderia ampliar a consciência, e a capacitação profissional dos mesmos. (MOREIRA, 1989, p. 106)

Moreira (1989) entende ser possível para o professor aprender a identificar a atitude (extrovertida ou introvertida) e a função superior ou principal (pensamento, sentimento, sensação ou intuição).

Zacharias (2006b) identifica algumas características presentes em alunos no que se refere ao processo de aprendizagem. Algumas das características registradas por este autor em relação as atitudes extrovertida e introvertida serão indicadas a seguir na Figura 5.

FIGURA 5 – Algumas Características de alunos Extrovertidos e Introvertidos

Extrovertido	Introvertido
• presta atenção em várias coisas ao mesmo tempo;	• presta atenção em poucas coisas de cada vez;
• sempre busca uma nova estimulação no ambiente, pode ser confundido com hiperativo;	• sempre recusa nova estimulação do ambiente;
• prefere aulas dinâmicas onde possa falar mais do que escrever ou ler;	• prefere aulas aprofundadas em que possa mais refletir e ler do que falar;
• pode ter pouca capacidade de concentração	• possui muita capacidade de concentração
• interessa-se por uma grande variedade de temas;	• interessa-se por uma variedade pequena de temas de cada vez;
• não gosta de ficar em um mesmo tema por muito tempo, prefere a diversidade;	• suporta facilmente ficar repassando durante muito tempo o mesmo tema, gosta de aprofundar-se em assuntos que se interessa;
• tende de gostar de trabalhos orais e apresentações de seminários;	• gosta de trabalhos individuais e escritos;
• elabora ideias pelo diálogo com outras pessoas.	• elabora suas ideias por meio de observação e leitura.

Fonte: ZACHARIAS (2006b, p. 98 e 103)

Ao observar as características particulares de seus alunos é possível, ao professor, conhecendo a tipologia junguiana, identificar o tipo psicológico de seu aluno e desta forma entender que sua sala de aula é formada por diferenças que interferem diretamente na forma de aprender e, portanto, precisam de atenção.

5.3 TIPOLOGIA DO PROFESSOR

O professor, não sendo diferente de seus alunos, também tem seu tipo psicológico próprio e vivenciou, durante sua vida acadêmica e pessoal as facilidades e dificuldades características de sua tipologia. No desempenho de sua vida profissional, como docente, é diretamente influenciado por estas características e no confronto com seus alunos, as suas impressões são, por elas, influenciadas. Isso se verifica nos exemplos dados por Zacharias (2006b)

Professores introvertidos tendem a pensar que os alunos extrovertidos são muito dispersos e os extrovertidos a pensar os alunos introvertidos muito apáticos.

Professores tipo Sensação tendem a pensar que os alunos intuitivos são muito sonhadores e pouco hábeis e os tipo Intuição que os alunos tipo Sensação são limitados e enfadonhos.

Professores tipo Pensamento tendem a considerar os alunos tipo Sentimento menos capazes intelectualmente e os tipo Sentimento consideram os alunos tipo Pensamento frios e distantes. (ZACHARIAS, 2006b, p. 113)

Ao tomar ciência do seu tipo psicológico, o professor passa também a entender os estilos cognitivos de seus alunos e conseqüentemente encaminhará seu planejamento e estratégias que atendam a diversidade. Neste sentido, o conhecimento da tipologia junguiana e suas implicações para a educação e o processo de ensino aprendizagem podem ser de grande contribuição na formação e conseqüente ação pedagógica dos docentes, podendo propiciar uma melhor mediação na aprendizagem.

Tendo consciência de que tem em sua classe, representantes de todas as tipologias fica mais fácil compreender as necessidades daqueles alunos que apresentam características singulares.

A diversidade na utilização dos métodos, principalmente aqueles que atendem a Metodologia Ativa, favorecerão não só a qualidade do processo ensino aprendizagem, como para a ampliação da consciência e desenvolvimento das potencialidades dos alunos.

CONSIDERAÇÕES

A tipologia junguiana já é um instrumental bastante eficaz para a psicologia analítica clínica, serviu de base para importantes instrumentos de orientação profissional e de carreira, vem sendo estudada e experimentada como norteadora de estratégias pedagógicas, principalmente no ensino superior. Por extensão, o uso da tipologia junguiana como estratégia para refletir a sala de aula da Educação Básica pode ser considerada como uma ferramenta a mais, uma contribuição na busca de uma educação com mais qualidade.

O conhecimento a respeito dos tipos psicológicos pode auxiliar na compreensão das potencialidades e limitações do sujeito. Ampliando-se esse conhecimento para a educação, ensino e aprendizagem, ao tomar ciência da tipologia junguiana, o professor do ensino básico pode compreender melhor os estilos de aprendizagem de seus alunos e, conseqüentemente, replanejar e escolher estratégias para atender a diversidade de crianças e jovens que se encontram sob seus cuidados.

Neste sentido, o conhecimento da tipologia junguiana e suas implicações para a educação e o processo de ensino aprendizagem podem ser de grande contribuição na formação e conseqüente ação pedagógica dos docentes, podendo propiciar uma melhor mediação na aprendizagem.

Espera-se que este material possa ter contribuído para uma reflexão sobre quem é o professor e quem é o aluno do Ensino Básico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO PRODUTO

BATISTA, Gustavo Araújo; SILVA, Márcia Rodrigues Luiz. **Estilos de Aprendizagem de Kolb**. FUCAMP, Monte Carmelo, MG. 2010. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/11%23U00c2%23U00aa-GUSTAVO-E-M%23U00c3%23U0081RCIA.pdf> Acesso em 21 maio 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 18 fev 2019.

BYINGTON, Carlos C. A. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

CHRISTOFOLETI et al. **Grau de satisfação discente frente à utilização de métodos ativos de aprendizagem em uma disciplina de Ética em saúde**. Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 188-197, 2014, p. 190. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/download/823/334> Acesso em: 27 ago 2019.

CARVALHO, Irene Mello. **O processo didático**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **Estilos de aprendizagem de Kolb e sua importância na educação**. Universidade de Brasília. Revista de Estilos de Aprendizagem, nº1, vol 1, abril de 2008. Disponível em: <http://learningstyles.uvu.edu/index.php/jls/article/download/81/13> Acesso em: 13 jun 2018.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema. Volume 14, Nº 1, Pág. 268 a 288, UNIVATES, Lageado, 2017.

FERREIRA, Daniel Lucas. **Técnicas de aprendizado de máquina aplicadas à identificação de perfis de aprendizado em um ambiente real de ensino**. Dissertação de Mestrado. USP. São Carlos. 2018. Disponível em: <http://conteudo.icmc.usp.br/pessoas/junio/PublishedPapers/qualis/qualificacao-final-LucasFerreira.pdf> Acesso em 07 ago 2019.

FERREIRA, Maria Inês Aparecida. **Proposta de uma metodologia de ensino inspirada nos métodos pensar-emparelhar-compartilhar e instrução por pares: uma implementação para o ensino de indução eletromagnética**. Dissertação de Mestrado em ensino na Educação Básica. Universidade Federal do Espírito Santo. Norte do Espírito Santo. 2018b.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo. Ática. 2006.

JUNG, C. G. (1921). **Tipos Psicológicos**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

_____, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____, Carl G. (1928). **O Desenvolvimento da Personalidade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, vol. XVII.

LAUFER, Albertina. **Jung e a educação para a personalidade**. EDUCERE – XIII Congresso Nacional de Educação. Curitiba. 2017. ISSN 2176-1396 Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23819_11805.pdf Acesso em 07 ago 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2009.

LOPES, Wilma Maria Guimarães ILS - **Inventário de Estilos de Aprendizagem de Felder-Salomanz investigação de sua validade em estudantes universitários de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis. 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82278/PEPS3508-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 fev 2018.

LORTHIOIS, Céline. **Exercícios de pedagogia profunda: uma inclusão da alma na educação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf Acesso em 05 dez 2017.

MOREIRA, Suely Grimaldi. **Da clínica a sala de aula: uma investigação antropológica**. São Paulo: Loyola, 1989.

MYERS, Isabel Briggs; MYERS, Peter B. **Ser humano é ser diferente: valorizando pessoas por seus dons especiais**. São Paulo: Editora Gente, 1977.

PITUBA, Jéssica Leite. **Jogos educativos adaptativos utilizando estilos de aprendizagem Felder-Silverman**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3141/tde-16072018-150542/publico/JessicaLeitePitubaCorr18.pdf> Acesso em 15 fev 2019.

SAIANI, Claudio. **Jung e a Educação: uma análise da relação professor/aluno**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

SARGO, Claudete. **O berço da aprendizagem; um estudo a partir da psicologia de Jung**. São Paulo: Ícone. 2005.

SCHMITT, Camila da Silva e DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. **Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 361-385, jul. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v21n2/1982-5765-aval-21-02-00361.pdf> Acesso em 29 Abril, 2019.

SENRA, C. M. S.; LIMA, G. F. C. A.; DA SILVA F. W. O. **A Relação entre os Estilos de Aprendizagem de Richard Felder e os Tipos Psicológicos de Carl Jung**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 1., 2008, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: CEFET-MG, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp106915.pdf> Acesso em 22 jun 2017.

SILVEIRA, Nise. **Jung: vida e obra**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TURRA, C. M. et all. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. Porto Alegre, PUC-RS/EMMA, 1975.

VON FRANZ, M.L. **A tipologia de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____, M.L. **Psicoterapia**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **QUATI: Questionário de Avaliação Tipológica**. São Paulo: Vetor, 1994.

_____, José Jorge de Moraes. **Tipos: a diversidade humana**. São Paulo: Vetor, 2006b